

A ALFABETIZAÇÃO INICIAL SOB UMA NOVA ABORDAGEM

Flávia Maria Sant'Anna
Faculdade de Educação da UFRGS

Trata-se de estudos e experiências realizadas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com a finalidade de propor novos rumos para a educação de crianças de 1ª série, do Ensino de 1º grau, na tentativa de evitar o fracasso escolar; atividades metodológicas e instrumentação são propostos para análise, com base de Psicogenética como quadro de referência.

O Seminário foi desenvolvido, destacando-se três grandes tópicos: (1) ponto de partida, (2) multifaces do processo de alfabetização e (3) o modelo pedagógico salientando a Alfabetização num modelo de desenvolvimento humano e social.

1. *Ponto de partida:* O problema do fracasso escolar (reprovação e evasão) na 1ª série do Ensino de 1º Grau.

2. *Multifaces do processo de alfabetização:*

2.1 Bases antropológicas-sociais

— a cultura e a sociedade brasileira

— a cultura da pobreza

— a marginalização urbana

2.2 Bases psicogenéticas e humanísticas

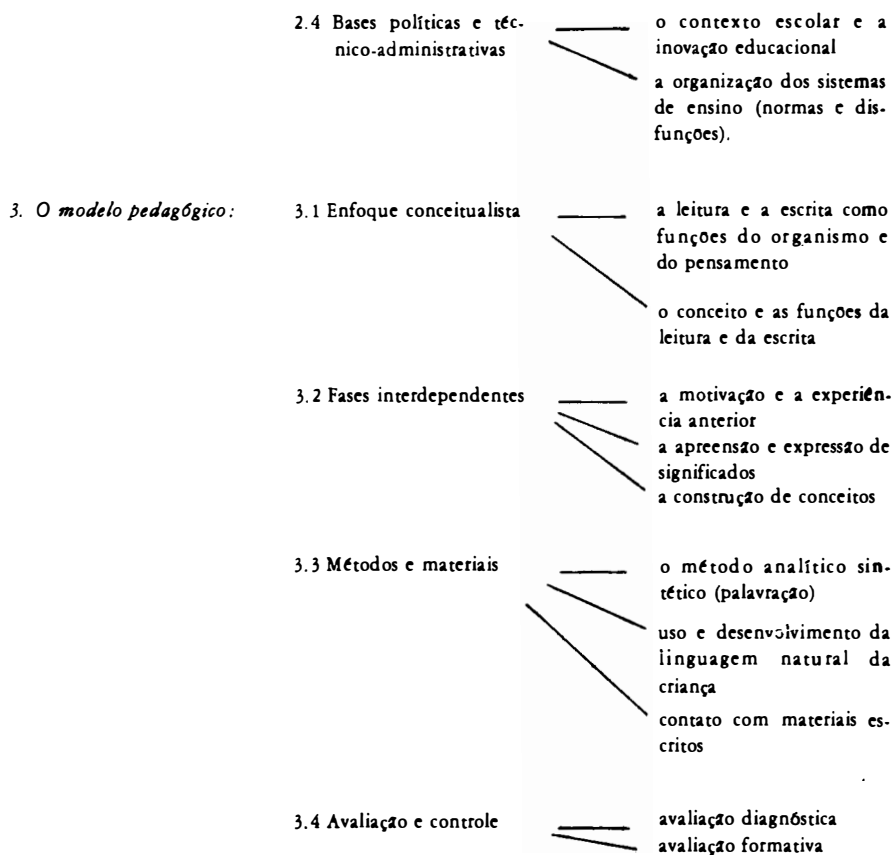
— o desenvolvimento da inteligência e a construção do conhecimento

— o desenvolvimento da totalidade humana

2.3 Bases psicolinguísticas

— a estrutura da língua portuguesa

— a natureza do conhecimento linguístico



A ALFABETIZAÇÃO COMO APROPRIAÇÃO DE UM OBJETO CONCEITUAL

Esther Pillar Grossi
GEEMPA

Chegamos à problemática da alfabetização como apropriação de um objeto conceitual por uma trajetória muito especial. Há mais de dois anos realizamos nas Vilas Cerne e Santo Operário, na periferia de Canoas, uma pesquisa sobre aprendizagem de crianças de classe popular. Ao nos defrontarmos com uma realidade tão diferente da encontrada em classes alta e média, fomos desafiados inicialmente a tentar adaptar as propostas de ensino para que fossem eficazes com alunos da classe popular. Porém, estamos sendo conduzidos a reformulação muito mais profundas, que incluem o contexto escolar, os conteúdos e a própria metodologia do ensino convencional.

Em vista da gravidade dos altos índices, em classe popular, de insucesso na alfabetização, que é a porta de entrada do edifício escolar, obtivemo-nos por ora, no estudo de como ensinar a ler e a escrever nas vilas de periferia urbana e, para realizá-lo, já trabalhamos com 150 alunos, distribuídos em 5 classes-laboratório.

PLANO GERAL DE PESQUISA

Em primeiro lugar, procuramos fazer uma caracterização sócio-econômico-antropológica das Vilas em que pesquisamos para ter uma visão ampla das causas dos problemas de aprendizagem dos alunos daquelas populações.

Paralelamente, procedemos a uma avaliação individual das crianças do ponto de vista clínico e neurológico, afetivo e cognitivo, a fim de verificar se carências nestas áreas, descartariam qualquer outra responsabilidade para o seu insucesso escolar.

Enquanto isso, em classes-laboratório chamadas "Clubinhos", aplicávamos atividades didáticas, observando a reação e os efeitos produzidos nos alunos, para analisar a escola como variável desta engrenagem.

Uma vez que o estudo implica pessoas de classes sociais diferentes, fez-se imperativo o estabelecimento de uma base mínima de confiança entre pessoas da Vila e pesquisadores, bem como o cuidado com a escolha de instrumentos que

sejam culturalmente adequados e estas populações. Foram também objeto de cuidado, as relações entre aplicadores de provas e entrevistadores e os sujeitos na Vila. Um descaso destes aspectos pode falsear inteiramente os resultados de uma investigação, o que acontece com muita frequência.

CARACTERIZAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICO-ANTROPOLÓGICA

A caracterização sócio-econômico-antropológica levada a efeito em entrevistas familiares informais, resultou no conhecimento de que as Vilas, nas quais pesquisamos, são representativas da classe popular brasileira, pelo nível de salários e de instrução, pelo número de elementos em cada família, pelas condições de moradia, pela média do tempo em que se deu o êxodo rural, pelo tipo de ocupações e lazer, pelas funções na família, pela presença de televisão em mais de 70% das casas, etc...

Desta caracterização, vieram-nos informações sobre as obrigações assumidas pelas crianças em suas casas, que justificam suas habilidades observadas nos "Clubinhos", tais como, costurar, cozinhar, lavar louça, roupa e chão, varrer, cuidar dos irmãos menores, carregar água, fazer compras em armazém, etc.

Mas, ao lado disso, também veio a informação sobre a ausência quase total de material escrito nas casas, o que priva as crianças da experiência de observação de atos de leitura e de escrita, a qual é importante para a apropriação do que seja escrever e ler. Segundo estudos sobre alfabetização, de Emilia Ferreiro, psicóloga piagetiana argentina, esta apropriação se inicia aos 2 anos de idade, quando há ambiente para tal, isto é, material escrito e pessoas que os manuseiem.

Também a caracterização sócio-econômico-antropológica forneceu o conhecimento de que, embora os pais julguem que a escola é importante, porque eles pensam que ela possibilitaria ascensão social, o estigma de que aprender na escola não é acessível à classe popular, também é fortíssimo.

A história do insucesso escolar de tios, pais, irmãos, primos ou vizinhos, faz com que as crianças nesta população ingressem na escola com a perspectiva de que não vencerão as exigências que ela lhes fará.

AVALIAÇÃO INDIVIDUAL DOS ALUNOS

Pela aplicação individual de provas e exames, assim como pela observação participante durante as aulas das classes-laboratório, obtivemos os resultados que seguem na avaliação de cada aluno.

Clinicamente, nenhum aluno se encontra abaixo dos níveis de desenvolvimento considerados normais, nas tabelas que comparam peso a altura com a idade das crianças, nem foram encontrados sintomas de comprometimento neurológico que prejudique a sua capacidade de aprendizagem. O problema de

saúde mais sério apresentado pelas crianças são cáries dentárias. A fome atual, superada com a merenda escolar, não impede que os alunos atuem normalmente na sala de aula. Dados obtidos nas entrevistas familiares revelam que mais de 50% dos nossos alunos foram amamentados ao seio durante mais de 6 meses, o que representa a melhor alimentação para um lactente, associada às suas conhecidas vantagens afetivas. Este conjunto de dados pode contradizer a idéia tão generalizada de que normalmente nas classes populares há e houve subnutrição severa nos 2 primeiros anos de vida, a qual é responsável por destruição em caráter irreversível de células nervosas, afetando negativamente a capacidade de aprender.

Do ponto de vista psico-afetivo, a dificuldade maior se situa na área da individuação, que é altamente correlacionada com a falta de consciência de classe, do grupo social a que pertencem. Não há indicadores, inclusive através dos dados da observação participante, sobre a presença de fatores emocionais que diferenciem significativamente os alunos de classe popular dos de classe alta e média. Por outro lado, a caracterização sócio-econômico-antropológica corroborou com isto quando revela a existência, na Vila, de famílias contando em sua maioria com pai e mãe, com uma estrutura dentro dos padrões tradicionais, inclusive com a pouca incidência do trabalho feminino que poderia fazer supor o abandono físico das crianças.

Na área psico-cognitiva, para avaliação do nível operatório de inteligência dos sujeitos, foram usadas provas piagetianas, cujos resultados se assemelham aos obtidos numa população de Genebra. Este fato elimina a pressuposição de que o ambiente neste meio social, além de adverso sócio-economicamente, também seria sempre adverso para o desenvolvimento da inteligência.

ESCOLA E PROPOSTA DIDÁTICA

Uma vez que os fatores de ordem individual não têm peso tão significativo na explicação do insucesso escolar destes alunos, debruçamo-nos sobre a escola para analisar suas responsabilidades nesta explicação.

Através do trabalho nos "Clubinhos", planejado e executado semanalmente, procura-se adaptar as atividades didáticas, levando em conta os dados da realidade dos alunos da Vila, utilizando sempre que possível materiais didáticos do próprio ambiente das crianças e valorizando as habilidades específicas de que são portadores os alunos. Na aplicação e avaliação regulares das atividades didáticas que visam produzir melhores rendimentos escolares para estas crianças, fomos conduzidos a questionar aspectos da própria escola, começando pela alfabetização que nos ocupava diretamente. Desta, nos restringiremos, neste artigo, a alguns poucos questionamentos centrais.

QUESTIONAMENTOS À ALFABETIZAÇÃO CONVENCIONAL

O trabalho de pesquisa sobre alfabetização em classe popular evidenciou a possibilidade de se distinguir teoricamente dois tipos de alfabetização, que se caracterizam como segue:

1º — A codificação e decodificação mecânicas da correspondência entre grafemas e fonemas, que conduz à decifração de um texto e à sua cópia.

2º — A apropriação do objeto conceitual “ler e escrever”, que implica no estabelecimento de correspondências entre dois modos de representação do que pensamos, a saber, a representação oral e a representação escrita.

Trata-se de algo complexo e amplo, que inclui como um subconjunto parcial, tarefas do primeiro tipo de alfabetização.

ALFABETIZAÇÃO MECÂNICA

O primeiro tipo de alfabetização é o que se busca praticar, via de regra, nas escolas, dentro da concepção corrente no ensino tradicional, de que se deve iniciar pela alfabetização mecânica para depois passar à leitura com compreensão.

Na realidade, há nisto um equívoco: quem consegue aprender a ler e escrever, é porque vivenciou minimamente o segundo tipo de alfabetização, no contexto de suas experiências de vida, quer seja na escola ou em casa.

A concepção do primeiro tipo de alfabetização reflete a teoria de aprendizagem que lhe é subjacente, ou seja, o condutismo behaviorista. Para o condutismo, a aprendizagem se dá de fora para dentro, como resposta aos estímulos provenientes do meio, os quais na escola são organizados pelo professor, convicção de que com eles produzirá aprendizagem.

Entretanto, no processo de aprendizagem e, no caso que nos ocupa, no processo de alfabetização, a criança capta e aproveita todos os estímulos que lhe vêm do ambiente e os organiza mentalmente. Ela organiza mentalmente não somente aquilo que o professor lhe oferece em aula, decorrendo disto uma diferença significativa entre crianças de classe popular e de outras classes. Estas têm um ambiente rico de materiais escritos (jornais, revistas, livros, cartas, etc...), assim como de pessoas que lêem e escrevem na sua proximidade. Aquelas, ao contrário, não possuem ou possuem reduzidas experiências neste sentido, as quais, por isso, não conseguem complementar o que é feito na escola. Disto decorre a necessidade de reorganizar a alfabetização nas escolas de classe popular.

ALFABETIZAÇÃO COMO APROPRIAÇÃO DE UM CONCEITO

A experiência concreta nos “Clubinhos” forneceu outros dados, os quais associados a um quadro teórico preciso, elucidam mais amplamente a proble-

mática. Do quadro teórico emana que podem ser classificados em 4 categorias os conteúdos da aprendizagem: conceitos, relações, algoritmos e nomenclatura. Na visão teórica tradicional, alfabetizar é ensinar um algoritmo. Na proposta que inspirados nos estudos piagetianos de Emilia Ferreiro, entendemos a alfabetização como a aprendizagem de um conceito. A diferença dos dois enfoques tem consequências importantes.

Em primeiro lugar, a aprendizagem de um conceito é um processo longo, com gênese própria de desenvolvimento, em que a sistematização é precedida pela fase de "jogo livre" com os elementos que vão constituir posteriormente o conceito. A aprendizagem de um conceito não se faz nem por treinamentos nem por explicação discursiva de outrem, mas pela dialética de um conflito cognitivo. Não se constrói um conceito pela mera acumulação linear de informações retidas de memória. Ele requer reorganização interna através dos esquemas de assimilação e de acomodação do sujeito. Este processo é criativo, é lógico, porque se baseia na elaboração e testagem de hipóteses por conta do aluno, seguindo etapas graduais de complexidade, as quais revestem formas originais e pessoais.

DESENVOLVIMENTO PERCEPTIVO-MOTOR

Este processo supõe um bom desenvolvimento perceptivo-motor, havendo uma correlação positiva entre alfabetização e boa performance na organização espacial e temporal, na audibilização e na coordenação visual e tátil, no estabelecimento do esquema corporal e da lateralidade, do desenvolvimento da coordenação motora ampla e fina, etc. As crianças das Vilas, cujas performances neste campo são boas, como consequência do tipo de atividades que realizam no seu dia-a-dia, evidenciaram com clareza e distinção entre correlação positiva e correlação causal, distinção aliás elementar para a estatística. Se o bom desenvolvimento perceptivo-motor fosse a causa da alfabetização, não poderíamos ter os altos índices conhecidos de insucesso escolar em meio popular. É que a alfabetização é a apropriação de um objeto conceitual e não tem como processo o desenvolvimento perceptivo-motor. Este é, sim, um pré-requisito e não uma causa.

A alfabetização como construção do conceito do que é ler e escrever se apóia não só na criatividade e no raciocínio lógico da criança, mas também nas suas relações sócio-afetivas, porque vai além da decifração e da cópia, sendo uma nova maneira de se expressar e de se comunicar com os demais.

Somente a alfabetização concebida assim pode se constituir na forma mais ampla de alguém "tomar a sua palavra", continuando o processo básico de humanização da pessoa, iniciado quando ela acede à linguagem oral. Nesta perspectiva, a alfabetização pode ser caminho de libertação e não de domesticação. Somente esse tipo de leitura e de escrita pode levar o aluno à "leitura, releitura e escrita" da sua própria realidade, pré-requisito central da libertação.

PRÓXIMAS FASES DA PESQUISA

Levando em conta questionamentos, como os que abordamos agora, que brotam do trabalho direto na Vila, é que vem se desenvolvendo esta investigação.

O que foi apresentado no Seminário sobre Alfabetização da Faculdade de Educação da UFRGS são resultados parciais da pesquisa que continua em marcha pela equipe interdisciplinar do GEEMPA. Este estudo preve ainda mais 2 etapas:

1ª — A da validação dos efeitos desta proposta de alfabetização em classe regular, com a determinação de uma grande lista de sugestões de atividades em cada disciplina, onde sejam explicitadas em cada uma delas os aspectos lógicos, perceptivo-motores e sócio-afetivos que têm vinculação com a alfabetização. Proposta didática nesta pesquisa não é concebida como uma receita a ser repetida pelos professores, mas como um corpo teórico e prático que possa inspirar a organização dinâmica e original que cada classe requer no seu processo de aprendizagem.

2ª — A formação de professores-construtores de proposta didática para suas classes, à luz das características peculiares de alunos de classe popular.